

## **Usos e representações das praias do Guaíba, em Porto Alegre, entre o final dos anos 1920 e o início dos anos 1970.**

Antonio João Dias Prestes (\*)

Porto Alegre, abril de 2015.

### **RESUMO**

As praias do Lago Guaíba, em Porto Alegre, foram intensamente desfrutadas por seus moradores, desde as primeiras décadas do século passado, mas com maior intensidade entre os anos 1940, quando foram ligadas ao centro da cidade por linhas de ônibus, e o início dos 1970, quando o processo de poluição do lago por esgotos domésticos e industriais se intensificou, tornando-as impróprias para o banho. Esta situação se mantém até os dias de hoje, apesar de sucessivos programas de recuperação, conduzidos por vários governos, que obtiveram resultados ainda modestos. Este trabalho tem como objetivo problematizar a relação entre os porto-alegrenses e as praias do Guaíba, tendo como foco o período de seu maior uso, e buscando avaliar a atitude e o imaginário dos moradores da cidade em relação às praias a partir da sua representação na imprensa da época. Buscou-se, também, entender a relação existente, nestas representações, entre as praias do rio e as praias marítimas do estado.  
Palavras-chaves: Porto Alegre; Lago Guaíba; história ambiental.

(\*) Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

### **INTRODUÇÃO**

As praias do Lago Guaíba, na zona sul de Porto Alegre, como Ipanema, Belém Novo, Espírito Santo e Pedra Redonda, entre outras, e também na cidade de Guaíba, situada na sua margem oposta, como Alegria e Florida, foram intensamente freqüentadas e usadas para o banho pelos moradores da cidade, com a maior intensidade no período que vai dos anos 1940 ao início da década de 1970. A poluição das águas vem impedindo o banho nas praias, desde o final deste período, e o esforço até o momento realizado para combatê-la, com uma sucessão de iniciativas conduzidas por governos estaduais e municipais de variadas orientações partidárias, não foi efetivo o bastante para restituir o Guaíba para o pleno uso da população.

Transcorridas mais de quatro décadas, ainda persistem as lembranças de muitos porto-alegrenses das praias, como local de banho e de veraneios, trazidas tanto de seus tempos de criança, quanto de relatos de seus pais e avós. Esta memória das praias do Guaíba, por outro lado, não se materializou no imaginário da cidade, ao menos num grau que reflita a intensidade anterior de seu uso, como parece indicar a rarefeita produção cultural existente sobre o tema, tanto na historiografia quanto na literatura, para não falar de outras formas de expressão, como a música popular e o cinema. Tomando como ponto de partida estas

constatações, o presente trabalho propõe problematizar a relação entre a cidade de Porto Alegre e as praias do Guaíba.

A relação da cidade com o Guaíba tem sido abordada pela imprensa local, geralmente, apenas em momentos específicos, como nas semanas de aniversário de Porto Alegre. São privilegiados temas como o da ocupação da orla na área central da cidade, com as sucessivas idéias abortadas de aproveitamento do velho cais do porto e áreas adjacentes, deixando em segundo plano a recuperação das praias. Muitas destas reportagens, no entanto, são acompanhadas de um tom nostálgico, lembrando um tempo, talvez existente, ou apenas imaginado, em que a ida a estes balneários de águas doces era coisa “chique”.<sup>1</sup>

## **DOS PRIMEIROS TEMPOS DA CIDADE À CRIAÇÃO DOS BALNEÁRIOS: SOB O SOL DOURADO O NOSSO RIO DORME, E SONHA QUE É MAR**

### **O gosto pelas praias, mais de mar do que de água doce**

O estudo dos usos, das sensibilidades, do imaginário, e das relações de convivência dos povos ocidentais com o mar e suas praias, com todo o processo radical de mudança por que passaram desde o período do Renascimento até o século XIX, é uma temática que foi explorada com bastante profundidade e propriedade pelo historiador francês Alain Corbin na obra *Le Territoire du Vide – L’Occident et le désir du rivage (1750-1840)*. Trata-se de toda uma mudança de sensibilidades e de atitudes, tanto do homem em relação à natureza, na busca de um contato mais próximo, junto das areias da praia, das ondas, das pedras, e do espaço misto entre a terra e o mar, quanto de novas formas de convivência e de exercício da sensualidade entre as pessoas (CORBIN, 1988, p. 319). Esta nova sensibilidade não deixou de ser, de certa forma, uma reação a um estilo de vida crescentemente emparedado nas grandes cidades e nas rotinas estressantes da economia capitalista industrial.

O gosto pelas praias de mar foi introduzido no Brasil como parte da difusão dos novos costumes da elite europeia, aristocrática, e, logo em seguida, burguesa, a partir de meados do século XIX. Anteriormente, no entanto, o mar também era visto pelos brasileiros como um lugar repulsivo, ameaçador, e que servia, nas cidades litorâneas, apenas como local de

---

<sup>1</sup> É o caso, por exemplo, de BRUM, Eliane. Porto Alegre em três décadas. In: **Zero Hora**. Porto Alegre, 30 de abril de 1995, Revista ZH, pp. 6-13. Esta matéria apresenta uma fotografia de Ipanema com a seguinte legenda: “O Guaíba de antigamente: a praia de Ipanema, na Zona Sul de Porto Alegre, limpa e bem freqüentada, em outubro de 1967”. É o caso, também, de ROCHA, Patrícia. Houve uma vez outro verão. In: **Zero Hora**. Porto Alegre, 14 de janeiro de 2007, Donna ZH, pp. 7-11. Nesta matéria, a fotografia de capa, com duas jovens de biquíni, na mesma praia, tem a seguinte legenda: “No point da praia de Ipanema, nos anos 60, um retrato da Porto Alegre ainda romântica”. Ainda nesta mesma matéria, outra cena praiana recebe a seguinte legenda: “1966: A praia de Ipanema, no Guaíba, era point nas décadas passadas”.

descarte de todo tipo de dejetos, inclusive os humanos, que eram despejados *in natura*, para serem tragados pelas marés. Este posicionamento, característico das próprias camadas da elite, é mostrado por Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mocambos* (2006[1936], pp. 312-313). Nesta obra, o grande autor pernambucano mostra, ao lado da desvalorização das praias de mar, a clara preferência pelas águas doces, com o costume dos banhos de rio.

### **O Guaíba e Porto Alegre, dos primórdios da cidade à criação dos balneários, nos anos 1920 e 1930**

Fundada apenas em 1772, Porto Alegre, ao contrário de cidades como o Rio de Janeiro, Salvador e Recife, não se situa junto ao mar, mas, a exemplo de Belém, às margens de um grande curso de água doce (lá, o Amazonas, próximo de sua foz, aqui, o Guaíba). Em função disto, suas relações com o lago e com o mar tiveram um desenvolvimento histórico, em muitos aspectos, bem diferente das que foram desenvolvidas por essas três primeiras capitais, que, além disso, eram maiores e bem mais antigas, fundadas no século XVI, nos primeiros tempos da colonização do Brasil. Com o mar distante da cidade, o Guaíba cumpria, assim, desde esses primeiros tempos, duas funções: a de local de lazer da população, para seus banhos, e, também, o de local para o lançamento de seus dejetos. Este último papel já aparecia bem claramente nos relatos dos primeiros viajantes europeus ao Rio Grande do Sul, como é o caso de Saint-Hilaire, em sua *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821*. Há um bom número de fontes que documentam o uso do Guaíba para o lazer, para os esportes e para o banho dos moradores de Porto Alegre, na segunda metade do século XIX, tanto através de crônicas escritas na época, ou de suas reminiscências, como por meio de fotografias, além de produção literária ou historiográfica mais recente. No primeiro caso, pode-se destacar o livro *História popular de Porto Alegre*, de Achylles Porto Alegre (1848-1926).<sup>2</sup>

O surgimento dos primeiros espaços concebidos com a função balneária, às margens do Guaíba, na zona sul de Porto Alegre, no entanto, ocorreu num momento posterior, já no início do século XX, quando o costume dos banhos de mar, e das temporadas de veraneio no litoral, já havia se estabelecido no Rio Grande do Sul. Aqui no estado, além do balneário do Cassino, em Rio Grande, instalado em 1890, que ficava muito longe da capital, com acesso apenas por navio, através da lagoa dos Patos, ou por estrada de ferro, já estavam sendo procuradas para temporadas de veraneio as praias de Tramandaí e de Torres, no litoral norte.

---

<sup>2</sup> Estas crônicas foram inicialmente compiladas e editadas pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre em 1941, por ocasião do Bicentenário de Colonização de Porto Alegre, e reeditadas em 1994, pela Secretaria Municipal de Cultura da capital, sob a coordenação de Luís Augusto Fischer.

Mas o acesso a estes balneários marítimos era ainda muito precário e demorado, pela falta de boas estradas e de veículos adequados, fazendo com que o seu uso se mantivesse restrito a temporadas de veraneio de umas poucas famílias muito abastadas.

Em 1900, a pequena Estrada de Ferro do Riacho foi estendida até o arrabalde da Tristeza, então apenas uma área de chácaras à beira do Guaíba. Esta ferrovia foi construída com a finalidade principal de transportar o lixo produzido no centro da cidade para os aterros da zona sul,<sup>3</sup> mas a facilidade de acesso que trouxe estimulou o desenvolvimento da Tristeza, e a sua vocação balneária. A partir da década de 1930 foram criados os balneários de Ipanema, ao sul da Pedra Redonda, e de Vila Assunção e Vila Conceição, próximos à Tristeza, junto às colinas que avançam para o lago, nas pontas do Dionísio e dos Cachimbos, em áreas com intensa mata natural. Belém Novo, uma vila estabelecida à beira do rio desde 1867, a cerca de 30 quilômetros do centro da cidade, começou a receber casas de veraneio e banhistas à mesma época, enquanto que os balneários do Espírito Santo e do Guarujá, no prolongamento da enseada de Ipanema, foram formados mais tarde, no início dos anos 1950. Ipanema, até o início dos anos 1930, era uma grande área de praia arenosa, com muitas árvores frutíferas, como descrita em *Revelando a Tristeza* por Roberto Pellin, cujo pai vendeu uma grande área que tinha no local, em 1930, para os incorporadores do balneário, a firma constituída por Agrifóglio, Failace e Coufal.<sup>4</sup>

### **O imaginário sobre as praias do Guaíba nos anos 1920 e 1930**

Uma boa idéia a respeito de como esses lugares de veraneio e praias – e também as praias do litoral gaúcho – eram representados no imaginário da sociedade porto-alegrense dos anos 1920 e início dos anos 1930, através da imprensa, pode ser apreendida da leitura dos primeiros números da *Revista do Globo*. Publicação quinzenal editada pela Livraria do Globo,

---

<sup>3</sup> A partir da década de 1880, a municipalidade começou a utilizar o lago, na ponta do Melo (que passou então a ser conhecida como ponta do Asseio), no atual bairro do Cristal, para o despejo dos chamados “cubos”, ou seja, recipientes usados para o transporte de dejetos humanos vindos do centro da cidade – ver CENTRO DE PESQUISA HISTÓRICA / Coordenação de Memória Cultural / Secretaria Municipal de Cultura / Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **História dos bairros de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, [http://www.lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu\\_doc/historia\\_dos\\_bairros\\_de\\_porto\\_alegre.pdf](http://www.lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf), acessado em abril de 2007, p. 31.

<sup>4</sup> PELLIN, Roberto. **Revelando a Tristeza**. Porto Alegre, 1979. A edição está esgotada. Está disponível um excerto na Internet, referente à fundação do balneário de Ipanema, no *site* da Terra (<http://www.terra.com.br>): **Pré história de Porto Alegre**, 02 de abril de 2003: “Em 1926, fomos morar na Serraria, de onde foram extraídas as pedras para a construção do cais do porto. [...] Nosso terreno limitava-se com a margem do Guaíba, desde as terras do seu João Batista Magalhães, até os eucaliptos da Chácara das Flores, de propriedade de seu Otto Niemeyer (hoje, rua Dea Coufal). [...] No interior desta enorme área corria um arroio de águas cristalinas e ao lado deste, uma cancha reta, para corrida de cavalos. Quase tudo era areia coberta por joás, branquilhos, camboins e pitangueiras. Na beira da praia haviam (sic) figueiras, onde meu pai instalou um balanço para eu



em Porto Alegre, de 1929 a 1967, a *Revista do Globo* teve Érico Veríssimo, como diretor de redação, desde 1931, e, a partir de 1933, como seu editor. Érico, então um jovem escritor em busca de afirmação, foi chamado por Henrique Bertaso, seu amigo pessoal, e que dirigia a Livraria do Globo desde 1931.

Nesse período inicial de sua publicação a ida às praias de mar é ainda muito difícil, quase exclusiva para as pessoas de maiores recursos, mas o acesso às do Guaíba também é bastante restrito, os automóveis ainda são raríssimos, e o único transporte público disponível é o trem para a Tristeza. As praias no litoral ainda são usadas apenas para veraneios prolongados, e as de Porto Alegre, quase que apenas para veraneios, ou, quando muito, em finais de semana, também de pessoas com recursos, ou seja, em ambos os casos, uma minoria integrante dos extratos mais privilegiados da sociedade. Não transparece, nestas primeiras edições da *Revista do Globo*, nenhum sinal de desvalorização da orla praiana de Porto Alegre, ou de seus freqüentadores, que podem ser identificadas como pessoas de elite, tanto quanto os que vão ao litoral. Podem ser vistas, assim, algumas imagens de banhistas da Pedra Redonda, em 1929 e 1930, inclusive mostrando as cabines para troca de roupas dos banhistas (1929, n° 1, p.26; Idem, 1930, n° 25, p. 18). Deve-se destacar, ainda, algumas matérias com um conteúdo altamente positivo sobre as praias do Guaíba, inclusive com bela inspiração poética, do período em que a *Revista* já estava sob a direção de Érico Veríssimo. Uma delas é composta por uma seqüência de seis fotografias das praias, intitulada “À Beira do Guahyba...”, com legendas, como esta: “Parece o Oceano, mas é o Guahyba na Pedra Redonda, sim senhor...”, ou “A canoa virou... mas Deus é brasileiro e o Guahyba é camarada...”. (Idem, 1932, n° 80, p. 13).

Outra, com o título de “Alegria del mar!” e fazendo um inusitado paralelo com as praias da Alemanha, termina com este trecho, ilustrado com uma foto semipanorâmica da Pedra Redonda, com suas pedras e figueiras à beira da praia:

As praias do Guahyba também teem criaturas alegres e bonitas. Quase todas morenas. Também sabem cantar, correr e rir, dentro dos mais deliciosos “maillots” imagináveis. Pedra Redonda! Balneário Ipanema! Balneário Nova Belém! Balneário Guahyba! O rio de águas encrespadas, dum tom cinzento azulado, todo pitalgado de velas brancas... As montanhas azulando na distância... O vento fresco que arripia águas, areias e epidermes. Sob o sol louro o nosso rio dorme. E sonha que é mar... (Idem, 1932, n° 81, p. 36).

É um dos textos mais líricos escritos sobre o Guaíba e suas praias, tendo, também, uma boa dose de sensualidade, embora algo ingênua. Seu autor, não identificado, poderia ter sido, talvez, o próprio Érico Verissimo. Mas não deixa de revelar, mesmo assim, a visão que parece

---

brincar (frontal onde havia o Restaurante Taba)”. Uma boa idéia da praia de Ipanema no período inicial de sua urbanização pode ser vista numa fotografia da *Revista do Globo*. Porto Alegre, 1932, n° 80, p. 13.



ter permeado toda a relação dos porto-alegrenses com o lago, talvez desde muito antes: a sua comparação com o mar, o seu papel de “substituto”, com a existência, no melhor dos casos, de uma certa ambigüidade nesta relação.

## **ANOS 1950 E 1960: PRAIAS POPULARES E INSPIRAÇÃO EM FORMA LÍQUIDA; É O MAR DOS POBRES**

### **A cidade se expande, e o povo também vai às praias**

Começam os anos 1940, e a cidade de Porto Alegre, já beirando os 300 mil habitantes, acelera o seu crescimento populacional e da atividade econômica, dentro de um cenário brasileiro em que, a partir das mudanças iniciadas sob o governo de Getúlio Vargas, começa a se realizar o processo de integração das diferentes regiões do país. A cidade cresce para o alto (com os primeiros grandes edifícios comerciais e residenciais na área central) e para os lados, incorporando novos bairros, o que é facilitado pela criação de novas formas de transporte público, com os ônibus juntando-se aos bondes elétricos e alcançando localidades mais distantes do centro, inclusive os balneários da zona sul. Nesse novo contexto, com o aumento explosivo da população de Porto Alegre – que passa para 394 mil habitantes em 1950, e 641 mil em 1960 – e com as maiores facilidades de acesso, a procura das praias do Guaíba na zona sul da cidade se intensifica, como uma forma de convivência social mais aberta e como alternativa de fuga para os dias tórridos do verão porto-alegrense (MONTEIRO *apud* ROCHA, 2007, p. 9). Os bairros da zona sul continuam sendo locais de veraneio, mas já passam a atrair uma população permanente, em alguns deles com famílias das classes mais privilegiadas, morando em belas casas situadas diretamente à beira da praia, na Tristeza, na Vila Conceição e na Pedra Redonda, muitas com ancoradouros particulares, ou na colina da Vila Assunção. O acesso às praias marítimas do litoral norte do estado continuava difícil, situação que se manteve, em linhas gerais, até a inauguração da *freeway* (auto-estrada Porto Alegre-Osório), em 1973, mas as famílias mais ricas começaram a trocar, a partir dos anos 1950, os veraneios nas praias do Guaíba pelo hábito de veraneiar no litoral norte (Idem).

Antes da implantação da indústria automobilística no Brasil, a partir do governo de Juscelino Kubitschek, no final dos anos 1950, o número de automóveis em circulação nas cidades brasileiras ainda era relativamente pequeno, e esta situação ainda se manteve por algum tempo, pelo menos até o breve surto de crescimento econômico do chamado “milagre brasileiro”, sob o regime da ditadura civil-militar, no início dos anos 1970. Deste modo, o acesso às praias da zona sul de Porto Alegre, para a maioria de seus frequentadores, era feito



através de linhas de ônibus que saíam do centro da cidade. O serviço de transporte era deficiente, e o itinerário era muito demorado, pois as vias de acesso ainda eram precárias, situação que perdurou, na verdade, durante quase todo o período, pois a zona sul era ligada ao centro da cidade por uma via asfaltada, mas muito estreita (ASSIS, 1950, p. 56). Mesmo assim, uma grande massa de porto-alegrenses se dirigia para as praias nos fins-de-semana de verão. Talvez com algum exagero, a *Revista do Globo* informava, em 1944, que cerca de 15% da população da capital procurava as praias da zona sul, e as praias de Guaíba, como Alegria e Florida, nos fins-de-semana quentes, e que este número poderia chegar ao dobro, se não fossem as deficiências do transporte (n° 355, pp. 41-43). A mesma revista informava, em 1965, que cerca de trinta mil pessoas se espalhavam pelas praias do rio nos dias mais quentes do verão (n° 892, pp. 34-36). Mas o próprio acesso e os usos das praias do Guaíba eram bastante diferenciados ao longo de todo esse período (ASSIS, 1950, pp. 53-64). Em balneários como Ipanema e o vizinho Espírito Santo, que tinham acesso direto dos ônibus e uma extensão de praia pública, com rua à beira-rio, predominava uma frequência mais popular de banhistas (embora estes bairros tivessem muitas casas de veraneio da alta classe média). Ficavam superlotadas nos finais de semana do verão. Já a Pedra Redonda, parte da Tristeza e a Vila Conceição tinham características mais elitistas, pois o acesso a suas praias era mais restrito, não havia rua na orla e boa parte das praias era privativa (Idem, p 58). Nelas havia alguns clubes, além dos náuticos, e, possivelmente, eram frequentadas por pessoas que chegavam em barcos, que ficavam ao largo, ou nos diversos ancoradouros particulares (Idem, p. 56).

Nos anos 1960, além dos que apenas passavam o dia nas praias, e dos que ainda usavam as casas para veraneio, muitas pessoas passaram a utilizar as áreas de camping na beira do lago, como no balneário do Guarujá, e também em Belém Novo (Veludo), para passar temporadas, no verão, como mostrava uma matéria de *Zero Hora*, com fotografias de Assis Hofmann (26 de dezembro de 1966, pp. 7 e 24). Ainda no início dos anos 1970, com a poluição do Guaíba muito evidenciada, fazendo com que uma grande parte das pessoas passassem a evitar os banhos, ficando só nas areias, a procura pelas praias da zona sul, especialmente Ipanema, continuava sendo muito grande, e, com a popularização dos automóveis, observavam-se enormes engarrafamentos nos fins-de-semana do período de verão (ZERO HORA, 27 de novembro de 1972, pp. 2-3).

### **O imaginário sobre as praias do Guaíba entre os anos 1940 e 1960**

A representação das praias do Guaíba no período em que foram freqüentadas de forma mais intensa, entre meados da década de 1940 e o início dos anos 1970, pode ser encontrada na imprensa periódica da cidade, tanto nos jornais diários quanto na *Revista do Globo*, que continuou circulando até o ano de 1967. A pesquisa utilizou como fontes principais a própria *Revista* e os jornais *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora*. Os dois primeiros circularam durante todo o período, o último somente a partir do ano de 1965.

Alguns comentários iniciais podem ser feitos com relação às fontes da imprensa periódica utilizadas. A *Revista do Globo* apresenta um bom número de matérias enfocando as praias porto-alegrenses, entre a década de 1940 e o ano de seu fechamento, 1967, ao lado de várias outras sobre os esportes náuticos e a vida social nos clubes da orla do rio, e sobre as praias de mar, não só do litoral gaúcho, em sua maior parte fotorreportagens com os autores de fotos e textos identificados. Seu exame traz muitos elementos sobre a representação das praias do Guaíba, do seu contraste com a dos balneários marítimos, especialmente Torres, e com a visão do próprio rio como cena do lazer de privilegiados. O *Correio do Povo* não tem matérias a respeito das praias, com exceção da série de reportagens de Kleber Borges de Assis, *O rio que não é rio*, mas apresenta várias sobre o tema da reforma urbanística da cidade, como o projeto de aterro da Praia de Belas e de construção da avenida Beira-Rio.<sup>5</sup> Ao lado disso, em suas páginas de anúncios, pode se ter uma idéia dos usos dos balneários da zona sul, e da sua valorização, como local de veraneio, em plena década de 1950. Nos anos 1960, várias matérias focalizam o uso das praias e seus problemas na *Folha da Tarde* e na *Zero Hora*, mas esta última, na época ainda um jornal em busca de mercado, e com um perfil mais popular do que o dos concorrentes, tendia a dar um maior espaço à interação dos porto-alegrenses com as praias, com um enfoque mais positivo. Mas em quase todas essas, tanto dos jornais quanto das revistas, a menção às praias porto-alegrenses é acompanhada de alguma referência ao litoral marítimo ou à distância de Porto Alegre do mar.

No início dos anos 1940, a temática das praias e do veraneio começa a ganhar mais espaço nas páginas da *Revista do Globo*. No verão de 1944, a *Revista* publica uma reportagem, *Praias do Guaíba*, escrita por Juliano Palha, com fotografias de Santos Vidarte (nº 355, pp. 41-43). Na primeira página, uma mulher de maiô (bonita e elegante, para os

---

<sup>5</sup> A série de reportagens de Kleber Borges de Assis sobre o Guaíba, publicada pelo *Correio do Povo*, em 1958, foi lançada como livro, *O rio que não é rio*, em 1960. O tema das praias é abordado em dois dos seus doze capítulos, um sobre o uso do rio pelos porto-alegrenses para recreação, e outro sobre a exploração do turismo. O contraste entre as praias do rio, cheias de vegetação frondosa (“que fornece uma bela sombra aos banhistas, entre um mergulho e outro”), e as praias do litoral gaúcho não passa despercebido pelo geógrafo e repórter (Ver: ASSIS, op. cit., pp. 58-59).



padrões da época), caminhando no passeio à beira da praia. A crônica começa falando do intenso calor num domingo de janeiro no centro de Porto Alegre:

2 horas da tarde [...] 36° à sombra. As árvores da Praça da Alfândega sofrem perfiladas, imóveis, como um cadete em dia de parada. O sol, a pino. O céu, sem nuvens. O chão de pedra, escaldando.

Segue com o relato das peripécias de um porto-alegrense que decide empreender a viagem do centro da cidade para as praias do Guaíba, para fugir do calor infernal e para se recuperar da semana que passou encerrado no escritório:

- Seu guarda [...] De onde partem os ônibus para as praias?
- Que praias?
- Qualquer uma... As do Guaíba...

O guarda cisma. Olha o cidadão com um ar de misericórdia e, por fim, estende o braço e o lábio:

- Dali... De meia em meia hora até às 8 da noite.

O cidadão se dirige para o Mercado Público. Há uma fila. Entra nela. [...] Chega o segundo [carro]. Ele embarca. Não lhe sobra lugar. Vai em pé mesmo. [...]

No Cristal, o gasogênio falha.<sup>6</sup> O chofer desce e abre o motor. Sol em cima do ônibus é mato. [...] As camisas, empapadas. Uma mulher gorda solta surda praga contra “a companhia”. Um homem magro cospe disfarçadamente entre os pés. Uma garota de vestido floreado ri para o namorado de cabelo negligé. O ônibus desempaca. E chega.

Chega às praias que estão sempre cheias de banhistas aos domingos: Ipanema, Vila

Assunção e Espírito Santo. Diz o cronista:

O Guaíba é um rio preguiçoso. Raramente tem ondas. Entrar nele é quase como entrar na banheira do apartamento. Com a diferença que no Guaíba é muito mais incômodo. [...] 15% da população de Porto Alegre procura estas praias nos fins de semana. E 30% passaria os domingos nelas, se não existissem as dificuldades nos transportes coletivos. Tentando uma ida a esses recantos é que a gente sente a sede de veraneio e de ar livre e fresco que martiriza o portoalegrense nos meses de verão. Ele se utiliza de todos os meios para chegar à beira do rio. Vai de carroça, a cavalo, a pé, em veículos improvisados às pressas. Mas vai...

Nas praias, os freqüentadores se deparam com todo tipo de dificuldades e contratempos, o que inclui a proibição de acesso a algumas das praias. Segue o relato de Palha:

Chegando à praia, porém, crescem os problemas à frente do banhista. Desde o local para trocar de roupa até a deficiência do serviço de bar. [...] Para as vilas residenciais, há praias particulares, com tabuletas advertindo que são proibidas ao público. E nas praias populares continuam as proibições, por sobre as necessidades. Não se deve pisar na grama, mesmo onde não existe grama. Não se pode sentar no bar em traje de banho. Não se pode... O guarda está sempre atento. E a moral da indumentária tem ali um espaço vital rigorosamente observado.

Mas as praias ainda conseguem ser um espaço de liberdade e de convívio das pessoas nos domingos do verão, apesar das carências e das proibições, como mostra o cronista:

Dentro do rio, porém, a humanidade navega livre e satisfeita, esquecida do asfalto, do bonde, de todas as torturas da cidade. Mulheres, homens e crianças. Principalmente homens. E os há de todos os tipos, desde os tarzans que se exibem em acrobacias na areia, até os raquíticos, de óculos, com ares professorais, e os carecas, de peito cabeludo. Quanto a elas, predominam as

---

<sup>6</sup> O Brasil está em guerra com o Eixo, e há racionamento de combustíveis. O gasogênio é usado no lugar dos derivados de petróleo. É um combustível sintetizado a partir do carvão.

gordas. Carnes balofas, pernas encaroçadas. Porque as bonitas não entram no rio. Ficam passeando na areia, fazendo o footing, como na Rua da Praia, o andar estudado, o maquiagem perfeito, o maillot de seda extravagantemente reduzido.

Que conclui falando sobre a volta à cidade, no último ônibus, ainda mais difícil do que a ida à praia:

[...] reúne-se a família inteira à sombra do minúsculo cinamomo de beira-rio. Não há lugar no bar. O gelo terminou faz tempo. A meninada se satisfaz com sanduíches ressequidos e gasosas mornas. O sol queimando. As peles rebentando. Como não há refúgio, o remédio é ficar por ali [...] até que chegue o último banho do dia... Então, surge o problema da volta, muito mais trágico que o da ida. Não se pode gozar da contemplação do famoso crepúsculo sobre o Guaíba. Os ônibus começam a ser disputados aos empurrões, porque na praia despreza-se a fila. Mas, mesmo assim, o portoalegrense volta feliz para sua casa, conformado com tudo, crente de que passou um domingo agradável e de que se livrou do calor infernal.

A reportagem-crônica é ilustrada por fotografias que mostram cenas as mais diversas das pessoas num domingo de praia, crianças em piqueniques, mulheres disputando um espelho, famílias à sombra das árvores, os “tarzans” acrobatas nos aparelhos de ginástica, a improvisação para a troca de roupas, a fila do ônibus (homens em calças compridas e mulheres de vestidos, roupas da cidade). Curiosamente, nenhuma das fotos mostra pessoas se banhando no rio. Pode-se ver que são de pessoas da classe média ou “remediados”, gente com condição de tomar um ônibus (automóveis, então, só para os muito ricos) e passar o dia na praia. O quadro parece bem realista, talvez com algum exagero nas carências e na feiúra das banhistas, citada no texto. O seu tom oscila entre a busca do pitoresco e a denúncia da precariedade das praias como opção de lazer, aí incluída, explicitamente, a obsessão por proibições e controles, mesmo num ambiente que deveria ser mais liberado, como a praia. De qualquer modo, está longe de ser uma exaltação das praias porto-alegrenses ou um convite ao leitor para visitá-las.

Também não traz um convite para ir às praias do Guaíba, de modo algum, a reportagem da *Revista do Globo* de 1951, *Triste Porto Alegre*, assinada por Rubens Vidal (nº 530, pp. 29-33). Nesta matéria, o autor traça um quadro extremamente crítico à capital gaúcha, com respeito às poucas possibilidades de lazer e de cultura que ela oferecia a seus moradores, em contraste com o seu tamanho e com a sua rotina já massacrante, de uma cidade na casa dos 400 mil habitantes. A legenda da fotografia que ilustra a sua primeira página diz: “Quem vê o grande movimento diurno da Rua da Praia não compreende a grande solidão noturna da capital”. A reportagem prossegue lamentando a falta de opções para a noite, com poucas boates, e a falta de um maior número de cinemas. Fala na existência de um verdadeiro “toque de recolher” devido a esta falta de alternativas, que faz com que a imensa maioria de sua população já esteja na cama às 11 horas da noite. Dois subtítulos: “P. Alegre é a capital



que progride e boceja”, e “99% dos porto-alegrenses fogem da monotonia pelas portas do sono”. Com relação às praias, diz o autor:

No verão, restariam as praias. Mas a cidade as tem de rio e os que desejam um banho de mar precisam viajar 4 horas em ônibus superlotados, enfrentar hotéis improvisados, restaurantes com fila e o desconforto geral das estações marítimas ao alcance de Porto Alegre (Torres é uma exceção distante cujo acesso depende do vento e das marés, pois não há uma rodovia que a ligue com Porto Alegre, e os carros só lhe chegam pela praia).

A reportagem traz uma foto de banhistas na Pedra Redonda, com a seguinte legenda: “As praias são belas como paisagem. Mas o banho de populares é desconfortável, trabalhoso e não compensa a viagem em ônibus superlotados. O mar fica a 130 kms”.

Em 1957, a *Revista do Globo* publica mais uma grande matéria abordando o uso das praias fluviais pelos porto-alegrenses, *Domingo (quente) no Guaíba*. Trata-se de uma fotorreportagem, de Léo Guerreiro (nº 684, pp. 36-43). Diz o seu texto inicial:

Não tendo tido a capital porto-alegrense a fortuna de encostar-se à beira-mar, tem mesmo de se contentar com alguma praia do estuário manso (mas frequentemente cruel) do Guaíba. Dia de calor na capital gaúcha é dia de evasão em massa. E quando esse dia é domingo, isso significa que a fuga é total. Para a orla marítima ou para os nossos banhos de rio. Acontece que o mais comum no caso das praias fluviais é a pessoa não ter podido ir até ao Atlântico e então entra na fila dos que não dispõem de condução própria (e esses, infelizmente são a imensa maioria) e habilita-se até Ipanema, Espírito Santo, Belém Novo, Pedra Redonda e mais inúmeros recantos batizados pelo povo com nomes específicos. Mas a água é a mesma em todas as praias: linimento refrescante para a única folga de uma semana quente e portanto o povo a ela vai sem qualquer espécie de sentimento comodista, tão somente com a coragem, aliás muito forte mesmo...

Na fotografia de abertura, os ônibus para as praias da zona sul, saindo embaixo do viaduto Otávio Rocha, e as grandes filas formadas para apanhá-los. São pessoas muito bem vestidas, mais mulheres do que homens, a maioria composta por jovens. Diz a legenda: “São aos milhares as pessoas que querem disputar um pouco da água do Guaíba e, não muitos, os ônibus”. Logo ao lado, uma cena semipanorâmica da praia de Ipanema, sua orla cheia de árvores, muitos banhistas nas areias e dentro d’água, com a seguinte legenda:

Nas repetidas, pequenas e bonitas enseadas com abundante vegetação o povo deixa o cansaço de uma semana de trabalho e desejos frustrados de um pouco de natação. Mas o objetivo principal, fugir do calor, é atendido.

Nas páginas seguintes, uma série de imagens fotográficas, destinadas a mostrar o que seriam diversos “flagrantes” de um domingo nas praias populares de Porto Alegre (“A alegria e a tristeza, de mãos dadas, também vão tomar o seu banho nas águas do estuário”). Três garotas de maiô caminhando na areia e tomando sorvete (entre elas uma “gordinha”). Outra “gordinha” banhando-se numa espécie de chuveiro público, numa seqüência de quatro fotos (“depois do banho nas águas do rio, o banho nas águas da prefeitura”). Os indefectíveis “tarzans de praia” (“[...] ainda são um dos elementos mais característicos das praias, sejam de rio ou marítimas. Os do Guaíba também fazem as suas demonstrações”). A mocinha solitária,

sentada, de vestido, num banco da orla. Vários casais de namorados na beira da praia (“O amor não faz a mínima cerimônia nas areias do Guaíba e parece mesmo ter se tornado um complemento das praias. Na verdade, ama-se em massa junto às águas do estuário ou sobre as areias quentes do sol”). O autor capta e seleciona uma cena inusitada, em meio a banhistas saudáveis, embora nem todos exibindo boa forma: de costas, olhando para a praia, um homem sem uma perna, apoiado numa muleta, e com um bebê nos ombros (“Num dia quente de verão, nada impede um homem de procurar uma praia, desde que ela exista, muito menos um bebê, ainda que ele não saiba nadar”). Por fim, a multidão, no fim da tarde, já de roupas trocadas, expressões cansadas, nas filas para o longo retorno, ao sol, e sem nenhuma estrutura, enquanto alguns poucos permanecem para aproveitar os últimos momentos da tarde, num último mergulho (“Mas é tão difícil a longa viagem de volta que já às quatro horas da tarde começam a formar-se as filas para garantir o retorno nos ônibus da Prefeitura”).

O contraste desta e de outras reportagens da *Revista do Globo* abordando as praias de Porto Alegre com matérias da mesma revista sobre as praias do litoral gaúcho, especialmente Torres, e sobre as praias de Montevideú, é muito grande, tornando ainda maiores as diferenças existentes entre as praias porto-alegrenses e estes locais de veraneio de pessoas da alta sociedade. A seleção das fotografias é, certamente, um fator muito importante para a obtenção deste efeito. Para ilustrar este ponto, podem ser citadas duas reportagens da *Revista*, uma de 1950, *Montevideú, cheia de encantos mil*, escrita por Juvenal Passos, com fotografias de Christóvão Rios (nº 500, pp. 42-45), e outra, também de 1957, escrita por Nélio Macedo, com fotografias de Léo Guerreiro, *O verão correu para a praia de Torres* (nº 682, pp. 47-49). As duas fotorreportagens têm em comum a presença de mulheres muito bonitas, com elegantes maiôs e em poses sensuais. O enfoque dado às reportagens sobre as praias do Guaíba é muito diferente, nelas o interesse parece estar centrado nos aspectos mais prosaicos (mas, às vezes, também em imagens inusitadas), enquanto que as praias uruguaias e Torres são representadas apenas como lugares parasidíacos e plenos de “glamour”, longe dos atropelos da cidade. Uma boa idéia do fascínio que o litoral inspirava, exatamente na medida em que representava a antítese da cidade, pode ser vista em outra matéria da *Revista do Globo*, de 1965, sobre o verão nas praias do litoral gaúcho, *Novamente o verão*, com fotografias de Octacílio Dias (nº 891, pp. 12-15). Ilustrada com fotos de Torres e de Capão da Canoa, seu texto diz:

Torres, a bela, Tramandaí, a popular. Capão, Atlântida e inúmeras praiazinhas perdidas na vastidão de areia vêm abrirem-se as janelas das suas casas de veraneio. Começou a estação balneária. Mais um verão a ser recordado quando o inverno chegar. Um verão gostoso, passado nas areias quentes da praia, e no friozinho gostoso da água do mar. Verão só é o verão

de que falam as poesias quando é passado longe da cidade, a uma grande distância dos escritórios, das repartições, dos bancos, enfim, longe de todo e qualquer trabalho.

A imagem dos clubes náuticos, e de veleiros e lanchas no Guaíba, era bastante explorada pela *Revista do Globo*, especialmente nos anos 1960, sob um enfoque muito próximo ao de suas reportagens sobre Torres e sobre as praias do Uruguai, com a presença de belas mulheres, inclusive em desfiles de moda de praia.

O jornal *Zero Hora* começou a circular em 1965. Em seus primeiros anos, ocupava um espaço bem menor do que o *Correio do Povo* e do que o jornal vespertino do mesmo grupo, a *Folha da Tarde*, e adotava uma linha editorial mais voltada para as camadas mais populares, em contraste com a maior sobriedade e postura um tanto mais elitista do *Correio* e do *Diário de Notícias*, jornal dos Diários Associados. Assim, matérias sobre as praias do Guaíba eram relativamente freqüentes nos primeiros anos da *Zero Hora*, geralmente com um enfoque positivo, colocando-as como uma alternativa importante para o lazer dos moradores da capital, no que não diferia das matérias da *Revista do Globo*, em seus últimos anos.

Em novembro de 1965, com fotografias de Waldomiro Soares, a capa deste jornal apresenta, como uma das chamadas, “Pôrto Alegre em tempo de praia”, mostrando garotas mergulhando nas águas do lago (19 de novembro de 1965, capa e páginas centrais do Caderno 2). A matéria prossegue nas páginas centrais do caderno de variedades, com mais fotografias de garotas na praia de Ipanema, e o seguinte texto:

Com o calor aumentando no meio da semana e a temporada de praia de mar por se iniciar em dezembro, Pôrto Alegre começou a ir à praia inclusive durante os dias de semana – como para enfrentar o sol de ontem. Enquanto a previsão para os próximos meses anuncia um verão dos mais fortes dos últimos anos a Praia de Belas já experimenta a movimentação mais comum no final de ano. Apesar disto, a maioria das piscinas de sociedades continuam a aguardar o mês de dezembro para o início da temporada. E a única solução mesmo é a praia de água doce mais refrescante.

Nos anos seguintes, do final da década de 1960 ao início da década de 1970, a maioria das matérias deste jornal sobre as praias do Guaíba, assim como as da *Folha da Tarde*, já abordam o problema da crescente poluição das suas águas, bem como do seu abandono pelo poder público, com o acúmulo de sujeira nos balneários e a falta de serviços como o de salvavidas. Mesmo assim, continua sendo veiculada pela *Zero Hora*, pelo menos até o ano de 1972, uma visão das praias como uma opção viva de lazer na cidade, apesar da consciência dos problemas. Esta postura pode ser vista em matérias de 1966, 1967 e mesmo desse último ano, quando a poluição das praias já era um fato percebido pela maioria da população.

Em outubro de 1967, quando a poluição das praias é denunciada pelo vereador opositor Cleon Guatimozim, a reportagem de *Zero Hora*, ao lado da discussão entre o parlamentar e as autoridades sanitárias, mostra a grande presença das pessoas nas praias, num



fim-de-semana de muito calor, trazendo manchetes como “Praia cheia, apesar do aviso”, e, ilustrada com fotografias de garotas de biquíni, nas areias de Ipanema, com o subtítulo “Biquíni desfilou”, diz: <sup>7</sup>

Em todas as nossas praias foi grande o número de biquínis desfilando na areia, e muitos se aventuraram a enfrentar as águas, que mais pela temperatura do que pela poluição, não estavam ainda, segundo os entendidos, no ponto. O movimento intenso em Ipanema, Belém Novo, Pedra Redonda, mostraram (sic) que a temporada de verão já foi aberta, apesar da afirmação do vereador Guatimozim, que vai necessitar de muito trabalho para convencer o pessoal de que existe poluição.

Cinco anos depois, em novembro de 1972, dentro de uma matéria mais ampla, que falava sobre o início da temporada no litoral, com seus contratempos, o jornal publica um texto sobre a grande frequência, num domingo, a Ipanema e praias vizinhas, apesar dos grandes engarrafamentos no caminho para as praias e da poluição das águas:

As águas poluídas do Guaíba não inspiram coragem para o banho a ninguém, com exceção das crianças, é claro. A maioria ficou na areia, tomando seu banho de sol ou jogando bola e frescobol.

Mas a consulta aos jornais desta época parece indicar que a poluição das águas do Guaíba não foi sentida como uma grande perda para os porto-alegrenses. A degradação do rio foi motivo de algumas matérias isoladas, mas não de editoriais, e a atitude das autoridades no período resumiu-se, em essência, à divulgação das condições impróprias de banho através da colocação de placas informativas nas praias, “com finalidades educativas, e não punitivas” (estas placas estão presentes até hoje, passados quase quarenta anos, embora alguns “recalcitrantes” ainda teimem em desrespeitá-las). Isto é mostrado numa matéria da *Zero Hora*, de novembro de 1973, na qual pode ser vista, além desta atitude do governo, uma postura, no mínimo, resignada deste órgão da imprensa local, pois a divulgação da situação calamitosa das praias da capital não é acompanhada de qualquer manifestação de protesto ou cobrança, na própria reportagem ou em editoriais do período. <sup>8</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso às fontes comprovou a existência de uma intensa sociabilidade envolvendo o uso das praias pelos moradores de Porto Alegre no período estudado. Esta convivência envolvia pessoas das classes médias e das classes mais populares, e só foi interrompida

---

<sup>7</sup> **Zero Hora**. Porto Alegre: 9 de outubro de 1967, p. 7. Na contracapa, o jornal traz a seguinte manchete: “As praias estão cheias. Perigo não assustou banhistas”. O *Correio do Povo* do mesmo período não abordou nada sobre este assunto.

<sup>8</sup> Banho no Guaíba pode dar hepatite infecciosa. In: **Zero Hora**. Porto Alegre, 20 de novembro de 1973, capa e p. 11. Na capa, emblematicamente, a chamada para esta matéria vem junto de outra, com muito maior destaque, que fala sobre o início da cobrança de pedágio na recém inaugurada *freeway*, estrada ligando a capital às praias do litoral norte.



devido ao processo de degradação das águas do Guaíba, que as tornou impróprias para o banho, na passagem da década de 1960 para a de 1970.

Por outro lado, no entanto, o trabalho também mostrou que esta sociabilidade não se refletia de um modo tão intenso na produção cultural do período sobre a cidade. Nas matérias da *Revista do Globo*, é possível resgatar a representação das vivências dos porto-alegrenses nas praias do rio, desde os anos 1920 e 1930, o período anterior à sua urbanização e popularização, até a época de sua maior frequência, nos anos 1950 e 1960. Especialmente nesse último período, estas matérias oscilavam entre uma visão das praias apenas como a opção possível dos moradores da cidade para *fugir do calor*, pois o acesso às praias de mar era muito difícil, e uma outra visão, mais favorável, com o elogio à beleza e tranquilidade de suas paisagens – visão esta que parecia predominar nos últimos anos da *Revista*, de 1965 a 1967. Foi possível identificar, através desta fonte, a existência de uma clara hierarquia na relação entre o Guaíba, enquanto praia popular, e o litoral marítimo, nas representações das elites culturais e sociais porto-alegrenses e gaúchas ao longo de todo o período. Na *Zero Hora* do período entre 1965 e 1972, talvez em função de sua proposta editorial na época, que visava atingir a um público leitor mais amplo, as praias eram retratadas sob um ângulo mais positivo, merecendo, inclusive, reportagens de capa. Mesmo neste jornal, no entanto, as referências às praias do Guaíba eram sempre acompanhadas de alusões às praias do litoral e, mesmo, às piscinas dos clubes da capital – as praias do lago eram uma boa opção em dias quentes fora da temporada de verão.

## **FONTES**

### **Jornais de Porto Alegre**

Correio do Povo – a partir de 1950;

Folha da Tarde – no período de 1965 a 1973;

Zero Hora – a partir de 1965.

A pesquisa nestes jornais foi realizada no Setor de Imprensa do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Velinho.

### **Revistas**

Revista do Globo, Porto Alegre – todo o período de sua publicação (1929 a 1967).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



ASSIS, Kleber Borges de. **O rio que não é rio**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1960.

CENTRO DE PESQUISA HISTÓRICA / Coordenação de Memória Cultural / Secretaria Municipal de Cultura / Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **História dos bairros de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, ([http://www.lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu\\_doc/historia\\_dos\\_bairros\\_de\\_porto\\_alegre.pdf](http://www.lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf), acessado em abril de 2007).

CORBIN, Alain. **Le Territoire du Vide – L’Occident et le désir du rivage (1750-1840)**. Paris: Flammarion, 1988.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1988.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2006 [1936].

MONTEIRO, Charles apud ROCHA, Patrícia. **Houve uma vez outro verão**. In: Zero Hora. Porto Alegre, 14 de janeiro de 2007, Donna ZH, p. 9.

PORTO ALEGRE, Achylles. **História Popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: UE / Porto Alegre, 1994.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.